

## A CULTURA ESCOLAR DO CAMPO E O ENSINO DE MATEMÁTICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Maykon Jhonatan Schrenk

Docente da Secretaria de Educação do Estado do Paraná – SEEDPR  
maykon\_schrenk@hotmail.com

Barbara Winiarski Diesel Novaes

Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Campus Toledo  
barbaradiesel@yahoo.com.br

### **Resumo:**

Na presente pesquisa, de cunho qualitativo, objetivou-se identificar que relações podem ocorrer entre a cultura escolar da escola do campo e o ensino de matemática. Privilegiou-se a documentação escolar como os cadernos de matemática dos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, imagens das atividades docentes, Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2015 da escola, planejamento do professor de matemática e legislação. Realizou-se entrevistas com o diretor da escola, a professora de matemática do Ensino Fundamental e a pedagoga. Na perspectiva da Etnomatemática, considerou-se a legitimidade da matemática do campo, sem hierarquias em relação à matemática escolar. O estudo conclui que apesar de se apresentar uma forte cultura escolar do campo na escola investigada, muito ainda tem que ser feito em relação a como ser específico em aulas de matemática na Educação do Campo. O Campo tem muito para ajudar o aluno no ensino da matemática, desde que se respeite esse conhecimento e o reconheça como fundamental para o seu desenvolvimento como sujeito para a sociedade.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Ensino de Matemática. Cultura Escolar.

### **Introdução**

Conforme crescemos, adquirimos saberes por meio de experiências, ou seja, da nossa vivência na sociedade, na escola, no convívio familiar. Para os alunos que moram no campo, esses se tornam importantes para seu desenvolvimento, assim como para crianças em outros contextos. Esses saberes não podem ser desprezados, principalmente em uma aula de matemática, embora algumas vezes isso ocorra. Que matemática pode ser considerada legítima? Há uma hierarquia entre a matemática escolar e a matemática do campo? A Etnomatemática considera como conhecimento o que rotineiramente não é reconhecido como tal e considera a existência de outras matemáticas (BARBOSA, 2014).

[...] para sermos mais precisos, deveríamos dizer que aquilo que chamamos de Matemática é a Matemática acadêmica. Na perspectiva da Etnomatemática, existem outras formas de produzir significados matemáticos, outras formas que são igualmente Etnomatemáticas, pois manifestações simbólicas de grupos culturais (KNIJNIK, 2000).

A Etnomatemática, por meio das pesquisas realizadas e do campo que abriu, deu legitimidade a outros modos de produção de significado para aquilo que se chama matemática (BARBOSA, 2014; KNIJNIK, 2000).

Sem hierarquias, sem diminuir a legitimidade das especificidades de uma matemática do campo, acreditamos que considerar essas diferenças é rico para a aprendizagem. Essa bagagem é necessária para o desenvolvimento do aluno, o crescimento da sua confiança e motivação na busca do saber na aula de matemática.

A legislação existente sobre a Educação do Campo (BRASIL, 1996, 2002, 2014; PARANÁ, 2006) desmistifica a escola apenas situada no campo. A Educação do Campo, além de se encontrar no campo, segundo Antunes-Rocha e Martins (2009), também significa aprender com a terra, com o campo, os modos genuínos de olhar para a vida do homem em sintonia com a natureza. Além disso, significa conhecer diferentes modos de organização da sociedade e das lutas políticas, e ainda reconhecer o poder dos gestos, das cores, das imagens próprias do campo como saberes legítimos.

É de extrema importância que as atividades de matemática envolvam o conhecimento que o aluno possui, porém, segundo o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), “quando apontamos para a necessidade de incorporarmos a cultura dos alunos em nossas práticas pedagógicas, não significa criarmos ‘probleminhas’ ruralizantes” (BRASIL, 2014, p.24). Esses problemas ruralizantes seriam, por exemplo: realizar uma operação matemática (nesse exemplo, a soma), e para tal, utilizar laranjas e afirmar que esta atividade envolve a Educação do Campo, mas essa atividade poderia ser feita com carros, casas, celulares, ou outros objetos do cotidiano das pessoas do campo. Mais do que isso, uma atividade de matemática de uma escola do campo deve preparar os alunos para a vida deles no campo, “pois a escola do campo deve ser considerada como espaço de vida digna e, sobretudo, de produção de conhecimento para transformação da realidade” (NAHIRNE; STRIEDER, 2017, p.5).

O artigo 28 da LDB reconhece a especificidade do campo:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p.11).

Dessa forma, na presente pesquisa<sup>1</sup> objetivou-se identificar na observação do espaço escolar (pátio, salas, horta, comunidade em geral), em entrevistas semiestruturadas e análise documental indícios da presença do campo (vivência dos alunos, costumes da comunidade, espaço escolar, organização política, entre outros) na sala de aula, especialmente no ensino da matemática, ou seja, que relações podem ocorrer entre a cultura escolar da escola do campo e o ensino da matemática.

### **Aspectos metodológicos da pesquisa**

A pesquisa tem caráter qualitativo<sup>2</sup> e, segundo Denzin e Lincoln (2006), tem como principal característica buscar dar sentido ou interpretar os fenômenos de acordo com os significados que as pessoas trazem para eles.

Para Duarte (2004) o que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo.

A modalidade de pesquisa utilizada neste trabalho foi o estudo de caso cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente (TRIVINÕS, 1987). Esse estudo pode ser simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização ou do ensino noturno (LÜDKE; ANDRÉ, 2005).

Concomitantemente as observações, realizamos entrevistas semiestruturadas com o diretor do colégio (Entrevista A, SCHRENK, 2015), com a pedagoga (Entrevista B, SCHRENK, 2015) e com a professora de matemática do Ensino Fundamental, séries finais (Entrevista C, SCHRENK, 2015). Como critério de inclusão, os entrevistados deveriam estar trabalhando mais de quatro anos na escola. Foram excluídos da entrevista os professores que estiveram afastados por mais de seis meses de suas funções no ano da realização da pesquisa. Foi elaborado um roteiro para a entrevista conforme os objetivos da investigação. Segundo Duarte (2004) entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no Ensino Fundamental, séries finais (5ª à 8ª série) no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella Ensino Fundamental e Médio, situado no Distrito Portão do Ocoí, Município de Missal, Estado do Paraná, no segundo semestre de 2015 (SCHRENK, 2015).

<sup>2</sup> Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UTFPR cujo número de registro é 48885615.4.0000.5547.

Os principais documentos analisados foram as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo do Estado do Paraná (2006), os documentos do colégio (PPP, Plano de Trabalho Docente (PTD) da disciplina de Matemática) e materiais dos alunos (cadernos de matemática do ano anterior ao estudo). Para fazer a análise dos cadernos utilizamos os trabalhos de Gvirtz (2009), que discorrem sobre a relação entre o currículo prescrito e o currículo ensinado por meio da análise dos cadernos dos alunos.

Partindo da caracterização de cadernos escolares proposta por Gvirtz (2009), analisamos cadernos dos alunos regularmente matriculados no ano de 2014, sendo um do 6º ano, um do 7º ano, um do 8º ano e um do 9º ano do Ensino Fundamental. Excluímos os cadernos dos alunos que reprovaram por nota e/ou frequência no ano de 2014. Desta forma, este instrumento é fonte privilegiada para confrontar com as entrevistas e os documentos escolares e compreender se e como ocorre a Educação do Campo na escola investigada.

A análise foi feita de modo a contemplar algumas categorias pré-estabelecidas conforme explicitadas nas DCEC (2006) de tal forma que deem sentido à questão de pesquisa proposta, mas procurando dar “espaço para a emergência do novo” (DUARTE, 2004) com o objetivo de não excluir um dado relevante que não estava previsto no projeto.

Partindo desse entendimento, a seguir serão apresentados aspectos da cultura escolar da escola do campo e as categorias estabelecidas a partir dela para análise dos dados.

### **Cultura escolar do campo**

Para os alunos que vivem no campo, é de extrema importância que lhes seja permitido apresentar seus conhecimentos prévios na sala de aula, ou seja, a sua cultura adquirida na sociedade, uma vez que a cultura escolar envolve a terra, o campo, os modos genuínos de olhar para a vida do homem em sintonia com a natureza. Os professores têm conhecimento sobre a importância de trabalhar a vida do campo e a vida que o aluno presencia dentro da sala de aula.

De acordo com Julia (2001), a cultura escolar é concebida:

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e,

portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p.10).

Vidal (2005, p.19), porém, compreende a cultura escolar “como constituída pela apropriação criativa de modelos, baseada na relação entre determinantes sociais e históricas e as urgências próprias da organização e do funcionamento escolares”.

Após o entendimento da cultura escolar e feita a leitura e releitura dos documentos oficiais da escola, das DCEC (2006) das entrevistas transcritas e dos cadernos dos alunos, emergiram as categorias de análise sobre a cultura escolar da escola do campo, destacadas no quadro 1 e apresentadas a seguir.

<b>Categorias</b>
- Espaço Escolar; - Organização Política, Movimentos Sociais e Cidadania; - Comunidade; - Concepção dos professores sobre a Educação do Campo.

Quadro 1 - Categorias de análise de dados da cultura escolar da escola do campo  
Fonte: Autoria própria.

## **Espaço Escolar**

Alves (2009) afirma que se o propósito da Educação do Campo é fixar o homem para o trabalho no campo, a escola deve possuir, entre outros fatores, um espaço escolar que caracterize a escola no campo, ou seja, uma estrutura apropriada para a preparação dos alunos para a vida no campo. Segundo as DCEC (2006), os povos do campo querem que a escola seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos do campo, como a horta escolar, alimentação saudável, remédios caseiros, plantios, etc. Segundo o diretor da escola, a horta escolar é um bom exemplo disso, onde os alunos do colégio ajudam na plantação e cultivo das plantações, cultivam desde as mais diversas hortaliças, além de mandioca e

outros alimentos. O cultivo da horta (figura 1) faz parte do programa Mais Educação<sup>3</sup>, que é um projeto trabalhado dentro do governo estadual a partir de 2014, específico para a questão do campo.



Figura 1 - Horta onde os alunos auxiliam no cultivo de plantas e verduras.  
Fonte: Acervo do autor.

Outro enfoque do programa é o chamado artesanato regional, coordenado por uma professora do colégio que também é moradora da comunidade. Sobre o artesanato a professora de matemática nos diz que

Tudo aquilo que faz parte da memória, que os nossos avós, nossas famílias faziam de objetos, de utensílios dentro de casa para uso da família vai também para a oficina e para o trabalho de artesanato onde eles produzem os panos de prato, crochês, tricôs, roupas e uma série de outras atividades que são feitas com a visão da Educação do Campo (ENTREVISTA C, SCHRENK, 2015).

Segundo a professora de matemática e a pedagoga, os materiais criados nas aulas de matemática e nas outras disciplinas geralmente são confeccionados em sala e, em seguida, expostos no saguão para as demais turmas.

As DCEC (2006) destacam a importância das atividades que são realizadas fora da sala de aula, citando o campo, os rios, o acampamento, dentre outras atividades, que não podem passar despercebidas e o que pode acontecer por causa do contato diário dos alunos com esses lugares. Pensando nessas atividades, a escola realiza intercâmbios com outros colégios também na modalidade de Educação do Campo. Segundo os entrevistados, todo

---

<sup>3</sup> O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação em tempo Integral.

ano é comemorado o dia do estudante com outro colégio do campo. No período da manhã é trabalhada a questão cultural, onde os alunos fazem apresentações, conhecem o colégio, visitam os locais próximos e no período da tarde são realizadas atividades esportivas.

Os trabalhos realizados no campo são sempre valorizados pelo colégio. Os mesmos são expostos em cartazes pelo colégio, sempre buscando valorizar a Educação do Campo.

Segundo as DCEC (2006), o colégio situado no campo possui como uma característica o calendário escolar seguindo as temporadas de plantio e colheita, evitando assim a ausência dos alunos na escola. Verificamos no PPP<sup>4</sup> do colégio que o mesmo segue o calendário oficial (Governo do Estado), porém, quando há épocas de intenso trabalho na agricultura, o diretor informa que são feitos ajustes quanto a provas, trabalhos, atividades, mas sem alterar o calendário anual.

O espaço escolar não se limita à sala de aula, é muito mais rico. As aulas acontecem em sintonia com o meio ambiente, com os modos de vida do aluno e este se torna importante para o espaço escolar, o espaço feito para ele e para sua formação.

### **Organização Política, Movimentos Sociais e Cidadania**

Quando se fala em Educação do Campo, pensa-se em formar o homem para o campo, torná-lo um cidadão. Para isso o colégio deve possuir uma estrutura que mostre para o aluno sua importância para o meio em que vive. É importante que a escola possua uma gestão alinhada com seus objetivos, que pode ser mais democrática ou mais autoritária.

Quando perguntado sobre a organização política do colégio, os entrevistados falaram que as decisões são sempre feitas em grupo. O diretor cita o plano disciplinar, construído com os professores e discutido em assembleia com estudantes e pais, que em seguida é aprovado e colocado em vigor. Todo ano o plano disciplinar é revisto e atualizado. O PPP (2015) apresenta que

A gestão da escola é traduzida como um ato político, porque implica sempre uma tomada de posição dos atores sociais. Assim sendo, sua construção não pode ser individual, mas coletiva, envolvendo os diversos atores na discussão e na tomada de decisões (PARANÁ, 2015, p. 34).

---

<sup>4</sup> Segundo o diretor da escola o PPP está sendo reformulado. Para esta investigação utilizamos a última versão disponível no momento da investigação.

A fim de promover a organização dentro de sala de aula e preparar os alunos para a sociedade, a sala de aula foi planejada (figura 2), segundo o diretor, como um grupo de trabalho, onde a turma é dividida em equipes de quatro estudantes para as aulas, onde um aluno é o coordenador. Cada turma possui dois líderes, um menino e uma menina e dois professores, eleitos pela classe escolar. Os grupos e o coordenador mudam a cada trimestre, o que para o diretor estará contribuindo para a formação de lideranças, para se trabalhar no coletivo, um diferencial na formação desse aluno na luta por seus direitos de cidadão.



Figura 2 - Sala de aula dividida em grupos para as aulas.  
Fonte: Coordenação do colégio.

A participação dos alunos é muito importante, porque é por eles e para eles que o colégio existe. Para o diretor é muito gratificante ver os alunos saírem do colégio e ingressarem em grandes universidades, além de vários alunos que vão para o colégio agrícola:

Todos os anos temos enviado três/quatro alunos para o colégio agrícola em Foz (neste ano foram quatro), de onde tem saído grandes técnicos agrícolas. Um plano futuro é a criação de um pós-médio em agricultura familiar, tendo um espaço próprio para plantios, criação de animais, a fim de que no futuro o aluno aplique o conhecimento dele na comunidade e se torne um cidadão presente nela (ENTREVISTA A, SCHRENK, 2015).

Para os entrevistados, ver os alunos saírem da sala de aula e permanecer no campo é um fato que motiva cada vez mais a lutar pelo campo. Porém, é perceptível uma dificuldade quanto ao apoio do governo na identificação como um colégio do campo. O diretor diz que

muitas vezes são vistos como um colégio qualquer, não como um colégio do campo, mas a busca pelo reconhecimento nunca acaba.

## **Comunidade**

O que não podemos negar é que é fundamental o apoio da comunidade na qual o colégio está inserido. Segundo as DCEC (2006), a participação dos pais e familiares e da comunidade em geral é fundamental para o funcionamento do colégio. É indispensável que o aluno perceba que ele é importante para a comunidade onde ele está inserido. O PPP (2015) do colégio tem por filosofia de trabalho educacional a formação do cidadão consciente, crítico e autônomo, envolvido com o próprio desenvolvimento e com o da comunidade. Ele enfatiza que a presença da família no espaço escolar pode ser entendida como um fator extremamente importante para o sucesso da aprendizagem do aluno.

Para que o aluno perceba sua importância para esse local, ele deve conhecê-lo e, segundo o diretor, esse é um dos enfoques do programa “Mais Educação”, a memória, a história da comunidade, onde se tem um professor morador da comunidade que, juntamente com os alunos, fazem um estudo da comunidade, dos pioneiros, dos professores, entre outros, para que conheçam essa história, se sintam membros integrantes e participantes de todo esse processo. Para ilustrar essa preocupação, trazemos um recorte de jornal sobre o “Resgate da Memória nas Escolas de Portão de Ocoy” publicado no Jornal Mensageiro de Medianeira no ano de 2014<sup>5</sup>, que mostra a preocupação do colégio em apresentar para os alunos a história da escola onde estudam e o quanto ela foi importante para a formação da comunidade e das pessoas que ali moram.

Outro fator que exemplifica a forte relação do colégio com a comunidade é a festa junina. Juntamente com a festa junina é realizado o concurso da macarronada, onde, segundo a professora, é muito grande o empenho por parte de todos para o sucesso desse evento. Vários pais e outros membros da comunidade se disponibilizam para fazer porções de macarrão. O diretor diz que cada turma tem a responsabilidade de fazer uma porção de macarrão, e os professores também se dividem em grupo para participar. Além disso, as apresentações das turmas são feitas no dia da festa para toda a comunidade. O colégio e a comunidade em geral veem a festa como uma confraternização que aproxima as pessoas,

---

<sup>5</sup> Resgate da Memória nas Escolas de Portão de Ocoy. Medianeira, 18 set. 2014, p.6.

que renova o comprometimento da sociedade com a escola, além de fazer com que o aluno se sinta importante para o colégio e para a comunidade onde vive.

### **Concepção dos professores sobre a Educação do Campo**

Como percebemos, para que a Educação do Campo ocorra, é necessário que a escola possua professores habilitados, funcionários conhecedores da linguagem do estabelecimento de ensino no qual estão inseridos. No colégio em questão, vemos a presença desses quesitos nas entrevistas, quando o diretor nos diz que grande parte dos professores e outros funcionários são filhos de agricultores e/ou residem na comunidade. O colégio também promove seminários e cursos sobre a Educação do Campo e como aplicar esses conhecimentos à realidade do colégio.

As DCEC (2006) ressaltam sobre a importância dos documentos possuírem informações que levem à ocorrência da Educação do Campo. Segundo o diretor, são realizados vários encontros pedagógicos onde os professores estudam as diretrizes da Educação do Campo, reelaboram suas propostas de trabalho e contribuem para a reestruturação do PPP do colégio, buscando a caracterização da linguagem, da característica do campo no colégio e no aluno, fazendo-o aluno se identificar com o local em que vive.

É muito importante que os professores tenham conhecimento sobre a Educação do Campo e, como afirmam Antunes-Rocha e Martins (2009), a sua formação e especialização deve ser contínua. As DCEC (2006) destacam a importância da pesquisa constante, encontrando alternativas metodológicas que levem a realidade vivida pelos alunos para a sala de aula, pois, não que seja impossível ensinar, mas a dificuldade do professor com pouco conhecimento e convivência com a Educação do Campo tende a ser maior do que o professor que vive no campo e que o conhece e luta por ele. Percebemos que os entrevistados seguem uma mesma linha de pensamento, quando dizem que a Educação do Campo considera o sujeito. A partir da realidade em que vive, o aluno busca os conhecimentos adquiridos por meio da vivência dele no campo, e juntamente com os conhecimentos do professor, faz a mediação com os saberes escolares necessários produzindo assim novos conhecimentos necessários para seu desenvolvimento.

### **Relações entre a Cultura Escolar do Campo e o Ensino de Matemática**

A análise feita com os cadernos escolares foi crucial para entender o cotidiano escolar e um instrumento precioso para fazer o contraponto às entrevistas com a professora, o diretor e a pedagoga da escola.

Os entrevistados informaram que ainda não existe uma disciplina específica para Educação do Campo e que as atividades relacionadas à disciplina nessa área são realizadas nas disciplinas específicas e no programa Mais Educação, sempre em contraturno. De acordo com o diretor, “é possível perceber o professor de matemática trabalhando área, perímetro, usando o espaço escolar e o espaço da comunidade, buscando o que o aluno já conhece” (ENTREVISTA A, SCHRENK, 2015). A professora de matemática comentou sobre algumas atividades realizadas: “O trabalho com a horta no cálculo de área e perímetro, cálculo da altura da árvore com base na sombra” (ENTREVISTA C, SCHRENK, 2015). Estas atividades evidenciam a presença da Educação do Campo nas aulas de matemática.

Por outro lado, verificando os cadernos (figura 3) percebemos que poucas atividades referenciam o campo ou algum desdobramento do que ocorre no projeto Mais Educação. A primeira imagem ilustra o cálculo da árvore com base na sua sombra.

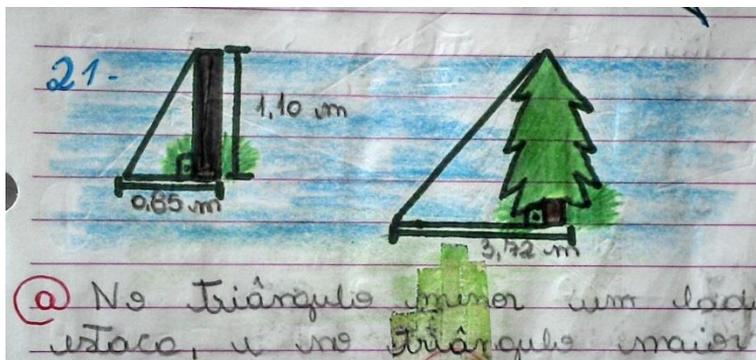


Figura 3 - Atividade no caderno de um aluno do 9º Ano  
Fonte: Caderno dos alunos (2014).

Outra atividade que mostra relações com o campo apresenta o cálculo da área de determinada figura. Poderia ser feita utilizando qualquer figura, mas para esse cálculo a professora propôs utilizar uma folha de árvore (figura 4). Foram analisados os cadernos do sexto, sétimo, oitavo e nonos anos do Ensino Fundamental do ano anterior à pesquisa e o que encontramos revela poucos elementos da Educação do Campo nos cadernos de matemática.

No entanto, verificamos que os materiais criados pelos alunos abarcavam duas ou mais disciplinas em um mesmo tema. O diretor afirmou que vários trabalhos foram

produzidos pelos alunos, por exemplo, construção de maquetes da vila da comunidade, que envolveu aulas de artes, geografia e matemática e português. Para ele, na construção dessas maquetes foi possível verificar a colaboração da matemática, evidenciada no trabalho com a Geometria; da geografia, quando se trabalhou a localização da comunidade; e do Português, ao se abordar a nomenclatura das ruas.

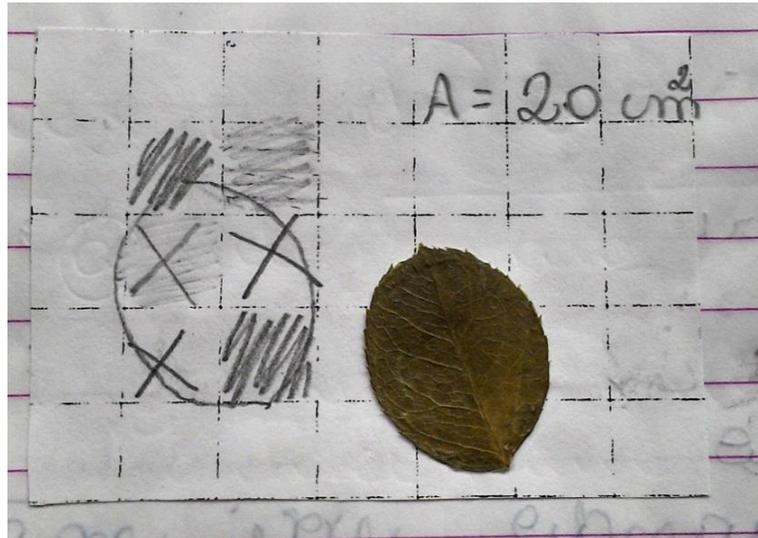


Figura 4 - Atividade no caderno de um aluno do 8º Ano  
Fonte: Caderno dos alunos (2014).

A figura 5 mostra um exemplo de como foi trabalhada a importância do cultivo da mata ciliar por meio do que os alunos já conhecem no campo.

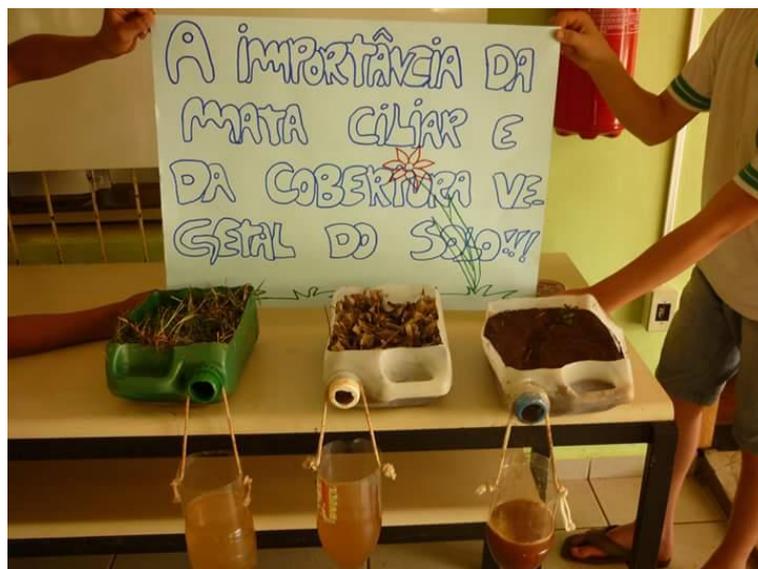


Figura 5 - Alunos percebem na prática a importância da mata ciliar  
Fonte: Coordenação do colégio (2015).

A professora de matemática mencionou que o PTD (Plano de trabalho Docente) da disciplina de matemática segue o mesmo padrão das outras escolas, mas ela utilizou vários recursos além do livro didático, sempre buscando envolver a vivência dos alunos.

O PPP (2015) apresentou a importância dos conteúdos das disciplinas escolares serem articulados com a realidade do campo valorizando o conhecimento trazido pelo educando, buscando somar a esse conhecimento os conteúdos escolares necessários. Ainda segundo o documento, a educação no campo deve ser pensada e desenvolvida para os sujeitos do campo, de forma a valorizar sua cultura e seus costumes. Para o diretor, é preciso usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos alunos, trabalhando os conteúdos de modo que seja contemplada a realidade do aluno. Para entender que eles precisam do conhecimento matemático para dar conta de resolver os problemas que surgirão.

O trabalho com a horta, a construção de maquetes, cálculo de altura de árvores e outras partes do colégio são utilizadas, segundo os entrevistados, como estratégias de ensino que além de envolverem várias disciplinas em um mesmo tema, fizeram com que o aluno aprendesse tendo por base algo que ele já conhecia. O caráter prático das atividades pode fazer toda a diferença no aprendizado dos alunos.

A professora de matemática evidenciou que apesar das atividades não estarem descritas no PTD, estas já constavam do planejamento de suas atividades no decorrer do ano, pois como ela lecionava no colégio há mais de 10 anos, o conhecia bem, assim como a vivência dos alunos, o que lhe permitia perceber a importância do campo no ensino da matemática.

Percebe-se, desta forma, que as aulas de matemática seguem o padrão do planejamento e execução das outras escolas, sem uma especificidade que leva em consideração a Educação do Campo.

### **Considerações finais**

Verificamos que a professora de matemática, a pedagoga e o diretor da escola investigada possuem muita experiência e conhecimento sobre a Educação do Campo. No colégio investigado os alunos, em vários momentos, demonstraram ter aprendido com a terra, com o campo, os modos genuínos de olhar para a vida do homem em sintonia com a natureza. O projeto Mais Educação é um exemplo do resgate das raízes do campo naquela

região para auxiliar no ensino dentro da escola e na vida dos alunos. Percebemos nos trabalhos em grupo particularidades sobre a Educação do Campo, as quais são possíveis ver por meio das exposições realizadas pelos alunos, nas participações em aulas práticas realizadas no colégio e fora dele, no campo, ou seja, na colaboração de cada um para o aprendizado de todos.

Na escola investigada a comunidade participa sempre das reuniões e decisões. Os eventos realizados pelo colégio contam sempre com uma grande colaboração por parte de toda a comunidade. Como grande parte dos professores pertencem à comunidade, estes sempre a mostram para quem vem visitá-la, a fim de que a respeitem como ela merece.

Com base nos documentos oficiais e na análise dos dados coletados, temos elementos suficientes para afirmar que a cultura escolar da escola do campo está presente no colégio investigado, ou seja, identificou-se uma cultura escolar específica do campo. Os professores entrevistados demonstraram que possuem conhecimento da legislação vigente e que, respeitando as especificidades da escola, procuram pensá-la, na maioria das vezes, de acordo com o que está prescrito.

Já os cadernos de matemática pouco mostram sobre a Educação do Campo, concluindo que as aulas de matemática seguem o padrão das demais escolas, sem o diferencial da Educação do Campo, apesar de a professora informar que busca fazer essas ligações com o campo. A relação com o campo aparece de uma forma geral na organização da escola, mas no ensino em sala de aula essa busca pelo campo é precária.

Apesar de uma forte cultura escolar do campo estar presente na escola investigada, muito ainda tem que ser feito em relação a como ser específico em aulas de matemática na educação do campo. O currículo mostrou-se muito urbanocêntrico<sup>6</sup>. Os agentes escolares demonstraram boas intenções em relação às questões do campo, trazendo a realidade do campo para a escola. Mas até que ponto ainda não está hierarquizando a matemática escolar em detrimento da matemática do campo? O campo tem muito para ajudar o aluno no ensino da matemática, desde que se respeite esse conhecimento e o reconheça como fundamental para o desenvolvimento do aluno como sujeito da sociedade.

## Referências

---

<sup>6</sup> Modelo de ensino que segue os padrões urbanos (da cidade) repetido pelos professores das escolas em áreas rurais.

ALVES, G. L. (org.). **Educação no Campo**: Recortes no tempo e no espaço. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. 305 p. (Coleção Educação Contemporânea).

ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (orgs.). **Educação do Campo**: Desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 207p. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

BARBOSA, L. N. S. C. **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo**: questões sobre currículo. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, SP, 2014.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. 2002.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Educação Matemática do Campo. Brasília, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar: Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

GVIRTZ, S. **Del currículum prescripto al currículum enseñado**: uma mirada a los cuadernos de clase – 1.ed. Reimp. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2009. 128p.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP: SBHE, n.1, jan-jul, p.9-43, 2001.

KNIJNIK, G. **Etnomatemática e politicidade da Educação Matemática**. In: Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. p.17-20. Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/site-antigo/anais/GelsaKnjnik.html>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 9ª reimpressão. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2005.

NAHIRNE, A. P.; STRIEDER, D. M. **Metaestudo da Produção Científica sobre a Escola e a Educação do Campo**. Educere et Educare, v. 12, n. 24, 2017.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella. **Projeto Político Pedagógico**. 2015. 98 p.



SCHRENK, M. J. **Educação do campo no ensino da matemática**: um estudo do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

VIDAL, D. G. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação). 187p.